

**UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO**  
**DIRETORIA DA PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ADOLESCENTE EM CONFLITO**  
**COM A LEI**

**JEFERSON LEVI DE ALMEIDA**

**TRAJETÓRIAS JUVENIS, TRÁFICO DE DROGAS E CONSUMO:**  
**UM ESTUDO SOBRE FATORES DE ATRAÇÃO AO CRIME**

**SÃO PAULO**

**2014**

**JEFERSON LEVI DE ALMEIDA**

**TRAJETÓRIAS JUVENIS, TRÁFICO DE DROGAS E CONSUMO:  
UM ESTUDO SOBRE FATORES DE ATRAÇÃO AO CRIME.**

Artigo científico apresentado à Universidade  
Anhanguera de São Paulo, como exigência  
parcial do curso de Mestrado Profissional  
*Adolescente em Conflito com a Lei.*

Orientador: Prof. Dr. Paulo Artur Malvasi

**SÃO PAULO**

**2014**

## **DEDICATÓRIA**

**DEDICO** este artigo a todas aquelas pessoas de bem – são seres iluminados que apesar de todos os obstáculos que a vida nos apresenta sempre estão lá prestes a encará-los como desafios geradores de oportunidades de aprendizado e crescimento; mesmo às vezes tendo que ir a sentido contrário ao senso comum se mantêm íntegros e firmes focando em metas edificantes para si e para o mundo.

Para mim a frase abaixo simboliza o que sintetiza a existência humana e em especial ao adquirirmos o saber e o que fazer a partir de então:

**“ame o próximo como a ti mesmo”**

**Jesus Cristo**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter conseguido superar mais este desafio em minha vida. Só nós sabemos o quanto foi difícil chegar até esta importante etapa.

À minha querida esposa Mônica que me suportou em momentos de angústias, de fraqueza e finalmente de alegria.

Aos meus professores, muitos incansáveis, que não me deixaram desistir. Mais uma vez ao meu orientador, Professor Doutor Paulo A. Malvasi, pelas horas de leitura, correção e compreensão.

Não poderia deixar de agradecer aos demais funcionários da UNIAN, no apoio às pesquisas e na orientação quanto às inúmeras normas brasileiras e procedimentos internos.

Meus sinceros agradecimentos a todos.

# **TRAJETÓRIAS JUVENIS, TRÁFICO DE DROGAS E CONSUMO: UM ESTUDO SOBRE FATORES DE ATRAÇÃO AO CRIME.**

## **RESUMO**

Nas últimas décadas, consolidou-se no tráfico de drogas um mercado de trabalho informal para o jovem brasileiro de baixa renda, notadamente nos bairros periféricos dos grandes centros urbanos em que este comércio varejista se estabeleceu. À margem da lei, farta, mas bem remunerada, esta mão de obra ávida por se inserir no universo contemporâneo de consumo surge sistematizada nas pesquisas etnográficas dedicadas ao tema, em que aspectos são apontados como impulsionadores de atos juvenis geradores de conflito com a lei, teoria embasada, neste artigo, com a discussão de caso de duas jovens. Além da pesquisa bibliográfica, utilizou-se neste estudo duas entrevistas com jovens gerentes de pontos de venda de drogas. Em consonância com as pesquisas qualitativas sobre o tema nos últimos anos, as falas das jovens revelam um conjunto complexo de fatores que compõe a adesão de adolescentes ao tráfico de drogas: a participação em redes transnacionais ao crime, a inserção no mundo como um trabalhador precário, como um empreendedor, e a busca por autonomia foram os fatores identificados nesse estudo.

Palavras-chave: tráfico de drogas; jovens; periferia; sistema socioeducativo; etnografia.

## **JUVENILE PATHS, DRUG TRAFFICKING AND CONSUMPTION: A STUDY ON FACTORS OF ATTRACTION TO CRIME**

### **ABSTRACT**

In recent decades, established itself in drug trafficking informal labor market for the young Brazilian low income, particularly in the suburbs of large urban centers where retail sales this ourselves. Off the books, tired but well paid, this workforce eager to insert themselves into the contemporary universe of consumption arises systematized in ethnographic research devoted to the subject, in which aspects are seen as drivers of generators juvenile acts of conflict with the law, grounded theory in this paper with the discussion of the case of two young women. Besides literature, was used in this study two interviews with young managers outlets selling drugs. In line with the qualitative

research on the topic in recent years, the testimonies of the youth reveal a complex set of factors that make up the membership of adolescent drug trafficking: involvement in transnational crime networks, the insertion in the world as a precarious worker as an entrepreneur, and the quest for autonomy were the factors identified in this study

Keywords: drug trafficking; youth; urban periphery; social-educational system; ethnography.

## **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas, o tráfico de drogas tornou-se um importante mercado de trabalho para jovens em bairros de baixa renda onde o comércio varejista se estabelece. Negócio transnacional, componente da economia global, o tráfico de drogas encontrou em comunidades de baixa renda das cidades brasileiras espaço para instalar pontos de venda no varejo. Absorvido como um importante componente da economia local torna-se, nesses territórios uma atraente possibilidade dada à “viração” das classes populares, um mercado de fácil acesso, uma estrutura de oportunidades ilegais efervescente; um mercado que aceita os jovens de acordo com a especialização e características pessoais; o tráfico é um dos empregos mais acessíveis para jovens com pouca formação escolar (Malvasi, 2012).

Neste artigo, inicialmente é apresentado um balanço das pesquisas etnográficas junto a jovens trabalhadores do tráfico de drogas nas duas maiores regiões metropolitanas do Brasil (São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ). A etnografia é por excelência o método utilizado pela antropologia na coleta, organização e análise de dados e por isso baseia-se no contato intersubjetivo entre o antropólogo / pesquisador e o seu objeto no grupo social sob o qual o recorte analítico enseja. E segundo o autor James Clifford na obra “A Experiência Etnográfica” , os atuais estilos de descrição cultural são limitados e estão vivendo importantes metamorfoses. Para ele, o desenvolvimento da ciência etnográfica não pode ser compreendido em separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade. Poucas são as pesquisas realizadas sobre o tema e, destas, raras aquelas que têm como base pesquisas empíricas de natureza qualitativa. De fato, principalmente no Rio de Janeiro, um reduzido número de antropólogos se lançou à tarefa desde os trabalhos pioneiros de Alba Zaluar (1996, 2004) até o recente trabalho de Diogo Lyra

(2013) – e em São Paulo são ainda mais escassas as pesquisas de campo sobre o tema. Apenas nos anos 2000 temos trabalhos especificamente voltados para o conhecimento da realidade dos jovens que trabalham no tráfico, dos quais destacamos o de Marisa Fefferman (2006) e o de Paulo Malvasi (2012, 2013).

Embora escassas, as pesquisas na área possuem importância empírica e analítica, oferecendo inclusive o marco referencial da discussão sobre o tema no Brasil: serão também elas a servir de base para a discussão das entrevistas de duas jovens que trabalharam como gerentes de pontos de venda de drogas. Nessas entrevistas, analisamos como duas meninas significam suas experiências com o tráfico, seus contextos de vida, e os fatores que as levaram a aderir ao tráfico.

Observa-se, ainda, no contexto político e econômico vigente, a ausência de políticas públicas como a do bem-estar social focada na juventude na fala das entrevistadas (não só nos trechos selecionados mas nos relatos obtidos em sua íntegra): o que chamou a atenção com relação aos silêncios e o que elas indicam como modo de comunicação durante uma entrevista. Ao autor do presente artigo, a ausência de políticas de bem-estar social para este segmento, parece um elemento sintomático da experiência de vida de jovens que trabalham no tráfico de drogas. Antes do início da análise propriamente dita, apresentar-se-á o desenho metodológico da pesquisa.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

O interesse por realizar esta pesquisa surgiu da trajetória pessoal do autor que, crescendo em bairro periférico da capital de São Paulo (Capão Redondo), observou o contexto de vida de jovens e adolescentes moradores da periferia da grande metrópole brasileira. Na vida adulta, amplificou suas experiências ao trabalhar na Fundação Casa na unidade Raposo Tavares como pedagogo (2010), em organizações não governamentais de assistência social (2010 e 2011), e como oficineiro em projetos de Arte e Educação (trabalho voluntário) nos bairros de Paraisópolis (2009), Heliópolis e Capão Redondo (2008). A conjuntura particular em que esta pesquisa ocorre revela interconexões entre experiência de vida pessoal, a atuação militante em organizações e movimentos sociais, atividades profissionais e a pesquisa científica. Experiências de pesquisa com estas características são marcadas pela múltipla entrada do pesquisador em seu campo, um misto de agente interno e, simultaneamente, externo.

A pesquisa baseou-se no levantamento de bibliografia específica sobre o trabalho no tráfico de drogas, e na análise de entrevistas destinadas ao *corpus* da tese de doutoramento de Paulo Malvasi, mas nela não incorporadas pelo autor (Malvasi, 2012). A pesquisa bibliográfica teve como recorte o caráter qualitativo, de natureza etnográfico, que teve como um de seus objetivos reconhecer os fatores de atração de jovens ao tráfico, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. No final, tal pesquisa bibliográfica resultou na seleção de quatro trabalhos de referência dos seguintes autores: Alba Zaluar, Diogo Lyra, Marisa Fefferman e Paulo A. Malvasi.

A entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender aspectos subjetivos da experiência humana (Fontana & Frey, 1994, p. 361). Ela tornou-se técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia. Para esta pesquisa, utilizou-se a entrevista em profundidade, cujo recurso metodológico busca, seguindo os pressupostos e temas definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Desta maneira, sobre a pesquisa qualitativa, os dados não são apenas colhidos, mas são, antes, resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador em diálogo crítico com o contexto social mais amplo.

Tendo como questão “quais os aspectos em trajetórias juvenis que favorecem a adesão ao tráfico de drogas”, este artigo busca realizar uma análise qualitativa dos conteúdos surgidos nas entrevistas com duas adolescentes que cumpriram medidas socioeducativas na região metropolitana de São Paulo/SP em regime de liberdade. A partir das respostas das duas adolescentes, procurou-se estabelecer um diálogo com a bibliografia sobre o tema e, assim, apresentar uma contextualização das trajetórias das jovens, em especial no envolvimento com o tráfico de drogas. O uso de entrevista permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos, e a do tipo *em profundidade* não permite dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno; objetiva-se, antes, saber como ela é percebida pelo conjunto de entrevistados (as adolescentes): seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. O entrevistador (Paulo Malvasi) usou questões abertas, apenas indicando temas comuns aos entrevistados. Este modelo busca tratar da



amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Tal procedimento permite o surgimento de uma estrutura para comparação de respostas e articulação de resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. O roteiro de questões-chave serve, então, como base para a descrição da análise em categorias, como se verá na parte referente à discussão das entrevistas.

Um último aspecto metodológico deve ser salientado. As referências bibliográficas debatidas no artigo se voltaram predominantemente para jovens do sexo masculino. A escolha por discutir entrevistas com meninas – em universo predominantemente masculino<sup>1</sup> – deve-se a aspectos que tornam os relatos delas salutares para a discussão aqui esboçada. Os relatos delas se caracterizaram pelos detalhes sobre a experiência de adesão ao tráfico. As meninas, diferentemente da maior parte dos meninos, descreveram as situações enfatizando aspectos subjetivos e descrevendo situações específicas. Foram ambas, em suma, detalhistas na descrição. Estas entrevistas foram os únicos registros – em toda a pesquisa de campo do doutorado de Paulo Malvasi – relativos a depoimentos colhidos de jovens do sexo feminino. A questão de gênero não foi desenvolvida sistematicamente no estudo de Malvasi (2012), mas reproduzimos aqui a reflexão que o autor teceu sobre questões de gênero:

“Ao acompanhar e entrevistar meninos e meninas em cumprimento de *medida socioeducativa* pelo crime de tráfico de entorpecentes, uma das questões que fiz em todas as entrevistas foi sobre a diferença de gênero neste mercado. Distingui recorrências entre meninos e meninas. As respostas foram idênticas, mas com sinal invertido: os garotos responderam que eles são mais ágeis para fugir da polícia, mais fortes para aguentar as longas horas de trabalho, menos emotivos e mais corajosos, por isso haveria uma “grande” diferença em ser homem ou mulher para trabalhar no tráfico; as meninas predominantemente responderam que não havia diferença, a não ser o fato dos garotos serem mais ágeis para fugir da polícia e mais fortes fisicamente. As meninas criticaram ainda a virilidade – as “brincadeiras de mão” e as “*tretas*” com as quais os meninos se envolviam – e que prejudicariam os negócios”. (Malvasi 2012: 168-169)

Como o estudo não está focalizado na questão de gênero, a análise do material poderá revelar fatores que são comuns a meninos e meninas no processo do ingresso no mercado do tráfico de drogas. Mas um ponto fundamental da escolha é que, este artigo,

---

<sup>1</sup> Segundo Levantamento Nacional Socioeducativo referente ao ano de 2009, o número de meninas no sistema gira em torno de 5%.

de saída, não coloca em questão se os aspectos de identidade masculina definem por si só a experiência de trabalhar no tráfico de drogas.

## **A INSERÇÃO DE JOVENS NO TRÁFICO DE DROGAS: UM BALANÇO DE PESQUISAS QUALITATIVAS NAS REGIÕES METROPOLITANAS DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO**

No Brasil das últimas décadas o tráfico de drogas é um mercado acessível aos jovens, particularmente os moradores de bairros de baixa renda onde existem pontos de venda no varejo. Esse é um fator econômico relevante na sociedade brasileira contemporânea. Quais as situações de vida, os contextos sociais e os padrões culturais de jovens que participam do comércio varejista de drogas?

Um aspecto destacado nas primeiras pesquisas sobre o tema situa o contexto das transformações no Brasil a partir da modernização impulsionada pela globalização. A modernização, particularmente o crescimento das grandes cidades, afetou seriamente o sistema de valores e relações sociais no Brasil. Nas últimas décadas, a expansão da economia de mercado, as migrações, a industrialização, a introdução de novas tecnologias e o florescimento de uma cultura de massas contribuíram para o aceleramento dessas transformações. Nesse processo as ideologias individualistas ganharam terreno, diversificou-se o campo de possibilidades socioculturais e, de um modo geral, cresceram as alternativas e escolhas quanto a estilos de vida (Velho e Alvito, 2006).

O trabalho pioneiro de Alba Zaluar, baseado em pesquisas de campo na cidade do Rio Janeiro, nos anos 1980 e início dos anos 1990, interpreta como característica definidora do “ser bandido”, “interna e pessoal”, a “disposição para matar”, componente de um “etos da virilidade” (Zaluar, 2004). Este seria baseado na ideia de chefe e estaria relacionado “ao uso de arma de fogo, o dinheiro no bolso, a conquista das mulheres, o enfrentamento da morte e a concepção de um indivíduo completamente livre”. (Zaluar, 2004, p. 196). Nas palavras da autora, tal etos indicaria a visão do indivíduo atomizado, que se protege em bandos formados pelos seus iguais para demonstrar força bruta, tendo a guerra como um tema constante, uma realidade trágica em suas vidas (Zaluar, 2004).

A autora observa na constituição deste etos da virilidade, influências de padrões culturais globalizados. Conforme a própria autora:

Creio que estava certa ao afirmar a necessidade de entender essa onda recente de violência não apenas como efeito geológico das camadas culturais da violência costumeira no Brasil, mas dentro do panorama do crime organizado internacionalmente, do crime também ele globalizado, com características econômicas, políticas e culturais *sui generis*, sem perder algo do velho capitalismo da busca desenfreada do lucro a qualquer preço. A necessidade de estender a análise até fora das fronteiras nacionais, no caso do estudo da sociedade criminosa, ou seja, daqueles que optam por viver nem sempre como fora da lei, mas numa mistura peculiar dos negócios legais e ilegais, não pode ser negada diante das evidências. A imagem do menino favelado que com uma AR-15 ou metralhadora UZI na mão, as quais considera como símbolo de sua virilidade e fonte de grande poder local, com um boné inspirado no movimento negro da América do Norte, ouvindo música funk, cheirando cocaína produzida na Colômbia, ansiando por um tênis Nike do último tipo e um carro do ano não pode ser explicada, para simplificar a questão, pelo nível do salário mínimo ou pelo desemprego crescente no Brasil, nem tampouco pela violência costumeira do sertão nordestino. Por um lado, quem levou até ele esses instrumentos do seu poder e prazer, por outro, quem e como se estabeleceram e continuam sendo reforçados nele os valores que o impulsionam à ação na busca irrefreada do prazer e do poder, são obviamente questões que independem do salário mínimo local. Essas afirmações têm vários desdobramentos (Zaluar, p. 54-55).

Diante das observações da autora, podemos inferir que o crime também se globalizou: o adolescente a quem se atribui o ato infracional, muitas vezes procura integração ao mundo globalizado pela participação no tráfico de drogas – usando roupas e objetos, carregando armas do outro lado do mundo e comprando coisas que vê em filmes americanos; tudo isso simboliza a sua inserção no mundo, ou seja, ser visto e admirado por todos aqueles que antes o desprezavam.

A inserção no mundo de bens e consumismo da era globalizada pode ser, segundo outros pesquisadores, apenas a superfície das motivações de jovens traficantes. Pesquisas recentes no Rio Janeiro sobre tráfico de drogas trazem à tona diferentes versões sobre os modos de identificação de jovens com o tráfico. Diogo Lyra, em sua obra intitulada “A república dos meninos – juventude, tráfico e virtude”, deteve-se na construção dos ideais de traficante destacando outros desejos na experiência dos jovens:

Os garotos armados do morro não querem apenas um tênis, uma arma, uma fama. Essas são materializações juvenis de um desejo maior e mais profundo, que é o desejo de serem libertos; o desejo da conquista da dignidade em seu nível mais elementar; o desejo de construir sua própria vida, de afirmar sua autonomia perante o mundo. Ter uma casa, uma família, um trabalho, esses, sim, são seus desejos. É por esses desejos que lutam e é por esses desejos que outros, como o tênis, a arma e a fama, se fazem possíveis ou necessários no

único contexto que eles dispõem para atingir suas tantas ambições, tão comuns a todos nós: a república dos meninos (LYRA, 2013, p. 281).

Para tentar responder à questão da “adesão” ao mundo do crime, Lyra (2013) propõe uma leitura sociológica original, procurando destacar as lentes através das quais os próprios jovens veem o mundo. Para tanto, trabalha em sua tese com três períodos rumo à convergência daquilo que se espera de um jovem nos dias atuais: sua independência. Dessa forma, infância, individuação e autonomia fazem parte de um trajeto rumo à maioridade que, via de regra, independe da questão biológica. Segundo Lyra (2013), estas não são categorias fechadas, processos expostos em tabelas, mas uma estrutura didática para tentar ver melhor as influências sociais sobre esses garotos que os impulsionam rumo à independência. Influências que expõem a Escola como ponto positivo e marcante do primeiro período; a necessidade de ajudar no orçamento familiar no segundo, momento em que se rompe com o casulo casa-escola; e a necessidade individual já devidamente exposta e como último impulso para consolidar a autonomia desse garoto junto à família. Está a um passo de formar-se “sujeito homem”, ou seja, um “adulto” plenamente aceito por seus pares, por sua comunidade.

Diogo Lyra (2013) argumenta que, como em todas as sociedades, essa formação, essa aceitação tem um rito de passagem, um acontecimento simbólico que sinaliza a todos que aquele rapaz deixou de ser rapaz e é agora um adulto, um “sujeito-homem”. O estudo de Diogo Lyra mostra que o rito pode vir de diversas formas, mas basicamente todas relacionadas aos problemas com os quais seus pares e sua comunidade têm que lidar. Uma “trocação” de tiro com a polícia ou a postura apresentada em uma situação tensa pode ser suficiente para que o menino deixe de ser apenas um moleque do morro e seja visto como “sujeito-homem” por seus pares, assumindo todas as obrigações, direitos e deveres decorrentes daí (Lyra, 2013). É desse mosaico social da vida de cada um desses meninos que se assentam os valores a impulsionar cada um para o crime.

Em síntese, a tese de Lyra argumenta que a “adesão”, ou seja, a entrada no mundo do crime pode ser vista através da *necessidade* e da *farra*, quando analisada pelos meninos, ou pelas dimensões casuais, do interesse e da vontade, na análise do autor. Ponto dramático por natureza, o momento em que o jovem opta por empregar-se no crime resulta de um processo social complexo alcançável aqui pelas narrativas desses próprios garotos que culmina no crime. Se os “autônomos dos 157” (artigo do código penal que tipifica o crime de roubo) sentem-se mais livres do que os explorados

“assalariados do 12” (antigo código que tipificava o tráfico), essa é uma visão de mundo toda própria deles, mais especificamente do primeiro grupo, mas todas elas carregadas por valores e éticas próprias, mas não alienígenas, valores e éticas do morro (Lyra, 2013).

O presente artigo considera que as pesquisas etnográficas sobre o tema são ainda mais recentes em São Paulo, e exemplifica com a publicação do livro de Marisa Feffermann, *Vidas arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico* (2006). Doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, objeto de sua tese, para análise e reflexão dos leitores a obra de Fefferman joga luz no duro e arriscado ofício de trabalhador do tráfico de drogas, chegando ao expediente de doze horas diárias para aqueles que estão na parte mais baixa da hierarquia do tráfico.

Fefferman destaca que antes de qualquer coisa, os jovens do tráfico são *jovens de classes subalternas* que correm diversos riscos de vida, sobretudo naquelas situações em que o Estado se mostra omissos e violento. O Brasil, dizem as estatísticas sociais, é o quinto lugar em homicídio de jovens de 15 a 24 anos (dados do IBGE, 2010). Segundo Fefferman, eles estão sujeitos a uma dupla vulnerabilidade: os apelos violentos da sociedade de consumo e a sua situação de pobreza. Na análise da autora, esses dois vetores podem dar uma resultante: a sedução do mercado ilegal das drogas.

O trabalho de Fefferman avança ainda no sentido de estabelecer nexos mais gerais do tráfico de drogas em São Paulo e a fase atual do capitalismo. Por um lado, uma organização criminosa como a do narcotráfico se estabelece por meio da confiança e cooperação de seus membros, mesmo que elas sejam pautadas pelo uso da violência, distribuição e troca de favores, linha de comando, hierarquia, necessidade de lealdade e a lei do silêncio. Por outro, trata-se de uma atividade em consonância com uma racionalidade capitalista, entrando na engrenagem da circulação pela porta da lavagem de dinheiro. Ela não se sustenta sem a cooperação/conivência do Estado, embora, por vezes, haja confronto com os aparelhos repressivos. Ela tem a sua inserção geopolítica no comércio internacional e globalizado e é responsável pela movimentação de um trilhão e meio de dólares ou mais segundo dados citados pela autora. Nessa geopolítica, as atividades de produção das drogas foram estimuladas nos países pobres e muito pobres, enquanto que o consumo ficou por conta dos países ricos. Por fim, o novo tipo de acumulação advinda dessa movimentação do capital é de caráter rentável (Fefferman, 2006).

Na pesquisa de Malvasi (2012), o bairro de periferia da região metropolitana de São Paulo o tráfico é contextualizado em cenário de gestão empresarial, cujos pontos de vendas de drogas têm fluxo operacional semelhante: turnos de trabalho iniciados às sete da manhã, que se revezam a cada doze horas. Segundo Malvasi, o jovem traficante deve se adequar e ter um perfil empreendedor.

O tráfico de drogas em São Paulo tem se mostrado, sobretudo aos mais jovens, uma das possibilidades dadas de trabalho e renda. Um mercado de fácil acesso, uma efervescente estrutura de oportunidades ilegais, que aceita os jovens de acordo com a especialização e características pessoais. O tráfico é um dos empregos mais acessíveis para jovens com pouca formação escolar. A adesão a esse, então, empregador cresce, a despeito do aumento substancial da punição dos adolescentes ingressantes na “firma”. A diminuição do número de homicídios no ambiente do tráfico de drogas na segunda metade dos anos 2000 em São Paulo implicou uma ampliação dos interessados em trabalhar no “movimento”. Nos territórios paulistas em que realizei a pesquisa de campo, jovens não dispostos a pegar em armas e tampouco com disposição para atividades envolvendo risco de vida, passaram a ver no tráfico uma possibilidade de ganhar dinheiro. (Malvasi, 2013, p. 675).

Por meio do acompanhamento da dinâmica do tráfico de drogas em seis pontos de venda localizados em um mesmo bairro, Malvasi demonstra que o comércio varejista de drogas é dinâmico, fluido e fragmentado. O modelo de gestão financeira dos negócios está centrado na busca de maior lucratividade e um dos mecanismos adotados é a flexibilização do trabalho dos jovens vendedores – um modelo contemporâneo de gestão, que acompanha a tendência de tornar maleável o trabalhador comum à gestão das empresas na contemporaneidade, e que tem sido incorporado por esse mercado ilícito. Mas embora esteja em consonância com a tendência do capitalismo de especialização flexível, Malvasi leva em conta duas outras influências para se pensar nos fatores de adesão dos jovens ao mercado do tráfico: o trabalho ocorre em uma “quebrada” (bairro de periferia de São Paulo), onde existem práticas e condutas adaptáveis comuns à viração das classes populares em São Paulo; e o comércio de drogas sofre as consequências de ser uma prescrição legal, possuindo as dinâmicas próprias das práticas ilícitas, com suas incertezas e riscos de perda, assim como seus altos – e rápidos – lucros.

Segundo Malvasi (2012), participar do tráfico local é participar de uma turma, com suas músicas, festas, adereços, máquinas (carros, motos, celulares). A busca por reconhecimento nesse contexto possui similaridade com a participação em comunidades desterritorializadas de consumidores de estilo, como os rappers, por exemplo. O estilo

bandido do trabalhador do tráfico é também uma referência de estilos de vida juvenis nas quebradas pesquisadas. Trabalhar no tráfico é, além de uma atividade laboral, um modo de vida compartilhado. Em síntese, segundo Malvasi, o tráfico se constitui em uma atividade produtiva em consonância com tendências atuais de consumo, estilo de vida e valores recorrentes entre jovens do mundo todo.

Malvasi propõe, ainda, um interessante diálogo com algumas reflexões de Foucault sobre as mudanças inseridas no mercado das drogas, a partir de uma mentalidade neoliberal. Em *Nascimento da biopolítica* (2008), Foucault indicou que, desde a década de 1970, um pensamento neoliberal propunha o enquadramento do combate ao tráfico de drogas em uma racionalidade de mercado. Isso implicou uma política voltada aos pequenos traficantes, com a consequência de uma supressão antropológica do criminoso, que, segundo ele, consiste na:

“Postulação de um elemento, de uma dimensão, de um nível do comportamento que pode ser ao menos interpretado como comportamento econômico e controlado a título de comportamento econômico”. (Foucault, 2008, p. 353).

E um sujeito econômico é aquele que

No sentido estrito, procura em qualquer circunstância maximizar seu lucro, otimizar a relação ganho e perda; no sentido lato: aquele cuja conduta é influenciada pelos ganhos e perdas a ela associados (idem, ibidem).

Enfim, ao conectar seus achados empíricos às reflexões sobre o pensamento neoliberal na obra de Michel Foucault, Malvasi (2012) demonstra que, independentemente de seu lugar na hierarquia da lojinha, cada traficante é um empreendedor – alguém fazendo certo número de apostas, definindo uma série de comportamentos econômicos, estipulando investimentos para obter melhora de seu capital pessoal no negócio: uma expressão de um poder conformador da sociedade de inspiração neoliberal, cujo escopo é caracterizado por Foucault como a multiplicação da forma empresa. Nas palavras do próprio, no pensamento neoliberal:

Trata-se de generalizar, difundido-as e multiplicando-as na medida do possível, as formas empresa, que não devem, justamente, ser concentradas na forma nem das grandes empresas de escala nacional ou internacional, nem tampouco das grandes empresas do tipo do Estado. É essa multiplicação da forma empresa no interior do corpo social que constitui, a meu ver, o escopo da política neoliberal. Trata-se de fazer do mercado, da concorrência e, por conseguinte, da empresa o que poderíamos chamar de poder enformador da sociedade (Foucault, 2008, p. 203).

O balanço da bibliografia sobre tráfico de drogas nos permite ver que a adesão de jovens a esse mercado de trabalho se situa no contexto de transformações que o Brasil tem passado nas últimas décadas, particularmente nos processos da modernização impulsionados pela globalização. Alba Zaluar (2004) destaca que integração ao mundo globalizado pela participação no tráfico de drogas se dá por meio do acesso a bens, como roupas e objetos e, sobretudo, pela afirmação de “etos da virilidade”, com ênfase no uso de armas; tudo isso simboliza a sua inserção no mundo, ou seja, serem vistos e admirados.

Pesquisas mais recentes, realizadas nos anos 2000, refinam as interpretações sobre os fatores de adesão ao crime. Tanto Fefferman (2006) quanto Malvasi (2012) observam as relações entre o mercado de drogas em São Paulo e as características atuais dos mercados capitalistas de modo mais geral. Nesse sentido, foi possível afirmar que Lyra aponta para um novo viés ao descobrir que as materializações juvenis (em forma de bens, roupas, carros, motos) expressam um desejo maior e mais profundo, que é o desejo de serem libertos; o desejo da conquista da dignidade em seu nível mais elementar; o desejo de afirmar sua autonomia perante o mundo. O trabalho de Malvasi corrobora com essa análise ao destacar que a participação no tráfico enfatiza o caráter empreendedor dos indivíduos; essa autonomia, portanto, é a de pertencer ao mundo como alguém que faz suas próprias escolhas, assume riscos e se responsabiliza por eles.

### **TRAJETÓRIA DE DUAS JOVENS: TRABALHO NO TRÁFICO DE DROGAS, CONTEXTO SOCIAL E ESTILO DE VIDA.**

Tomando o antecedente por base, a seguir se discutirá como duas meninas significam suas experiências com o tráfico, seus contextos de vida, e os fatores que as levaram a aderir ao tráfico.

A primeira jovem foi apresentada ao pesquisador como a garota típica de classe média. Dispondo de cuidados familiares e de estrutura material, a entrevistada caracteriza sua família como “muito rígida”, “do tempo antigo”, e ela, por sua vez, como uma adolescente muito “rebelde”. Janaína é menina que viveu desde o nascimento com os avós e com tios, além da mãe (que também sempre morou com os avós). O pai é desconhecido. Janaína considera que sempre teve de tudo, “do bom e do melhor”. Ela e



sua família moram em um bairro popular, possuindo renda aproximada de R\$ 3.000,00 (três mil reais, em 2009) para quatro adultos e a adolescente. O fato de a família possuir casa própria, “figuras masculinas positivas” de referência, o avô e um tio terem emprego com carteira registrada – o avô é metalúrgico e o tio é frentista – modela uma família considerada nos relatórios técnicos como “estruturada”. O bairro em que ela cresceu fica na fronteira com uma favela (comunidade), onde a menina constituiu sua rede de amizades durante a adolescência.

Ao conversar com o pesquisador sobre sua aproximação com o contexto do tráfico de drogas, ela indica a identificação com o estilo de vida dos jovens traficantes como um elemento de sedução: “adorava o estilo deles, tipo as calças de maloqueiro que têm esses desenhos de mano, um monte de tatuagem, bonezinho de lado. Achava muito estilo” (Janaína).

**Entrevistador - E agora você que vê de fora e que viveu dentro também. Como você definiria o mundo do crime, assim em termos de estilo, estilo de vida, de comportamento.**

**Janaina** – Ah, é um estilo totalmente diferente, né, para eles porque para eles você tá com uma arma na mão ou se tá com uma calça larga, bermuda caída, boné na cabeça se é o tal, se é o poderoso, se é o maior então é um estilo de vida assim que tem gente que assim vamos supor tem gente má que mora lá e que são honestos que são bons sabe que trabalham tudo para ter, mas se vestem como gente do crime e que são tipos desprezados são humilhados sabe, eu não acho isso legal porque tem muita gente de favela que porque favela é mundo de crime de droga de disso, disso e aquilo, mas para mim não porque tem muita gente dentro da favela que são legais que são honestos sabe...

**Entrevistador – e quais são as ideias que circulam, de expectativa de vida?**

**Janaina** – ah acho que ideia mesmo não tem (risos) é igual eu falei né porque assim dentro do crime, vamos supor o que o patrão acha bonito o gerente, o que vende, o que compra acha também entendeu, então, começa de um eles vamos supor é Maria vai com as outras porque o que um gosta de fazer o outro vai lá e faz, tem uns que vão fazer isso só para mostrar que pode, que entendeu, que era que eu fazia entendeu, eu via eles vendendo eu falava ah eles pode porque eu não posso porque eu não também não posso ganhar meu dinheiro fácil também, então é assim.

Sobre a frase “Maria vai com as outras... vão fazer isso só para mostrar que pode” podemos dizer que, frequentemente, os indivíduos se referem aos baixos salários dos pais indicando que as atividades ilegais são uma alternativa concreta para a vida e a sobrevivência, independentemente dos riscos decorrentes. Nesse contexto, a submissão torna-se ainda mais humilhante. As crianças e os jovens maiores de 18 anos buscam

autonomia, “adrenalina”, independência e poder, que são essencialmente expressas por sua imagem e percebidas por seus parceiros.

A modernização, particularmente o crescimento das grandes cidades, afetou seriamente o sistema de valores e relações sociais no Brasil. Nas últimas décadas, a expansão da economia de mercado, as migrações, a industrialização, a introdução de novas tecnologias e o florescimento de uma cultura de massas contribuíram para o aceleramento dessas transformações. Nesse processo, as ideologias individualistas ganharam terreno, diversificou-se o campo de possibilidades socioculturais e, de um modo geral, cresceram as alternativas e escolhas quanto a estilos de vida (Velho e Alvito, 2006, p.16-17).

Um primeiro elemento de sedução apontado pela jovem tem a ver com a questão imagética, já destacada por Paulo Malvasi (2012), participar de uma turma, com suas músicas, festas, adereços, máquinas (carros, motos, celulares). Podemos observar essa forma de identificação como um processo comunicacional, “gestos e movimentos corporais”, o uso emblemático de adornos e adereços corporais, tatuagens, tipos de roupas, formas de olhar, interjeições verbais, acenos, emissões coletivas de sons, afasias, modelos de dançar são formas de expressão de uma estética comunicacional (Almeida e Tracy, 2003).

Para Zaluar (1994), além do consumo, existe outro fator muito importante para a entrada do jovem no narcotráfico: as armas. De acordo com a autora, os jovens são fascinados por uma “subcultura viril” que atinge diretamente a vulnerabilidade das crianças e dos maiores de 18 anos. O que mais importa é o valor alegado obtido pela imagem externa e pelo uso da força (armas, dinheiro, roupas, drogas e mulheres). Entretanto, quando observamos as falas de Janaína, ela trata das armas entre os meninos, mas guarda alguma distância. Isso pode revelar aquilo que Paulo Malvasi observou em sua pesquisa sobre o tráfico em São Paulo, onde a expressão “ter uma mente” como ideal de bandido se sobrepõe à ideia de “disposição para matar”...

A adesão a esse, então, empregador cresce, a despeito do aumento substancial da punição dos adolescentes ingressantes na “firma”. A diminuição do número de homicídios no ambiente do tráfico de drogas na segunda metade dos anos 2000 em São Paulo implicou uma ampliação dos interessados em trabalhar no “movimento”. “Nos territórios paulistas em que realizei a pesquisa de campo, jovens não dispostos a pegar em armas e tampouco com disposição para atividades envolvendo risco de vida, passaram a ver no tráfico uma possibilidade de ganhar dinheiro”. (Malvasi, 2013, p. 675).

Diogo Lyra mostra que os garotos armados do morro não querem apenas um tênis, uma arma, uma fama. Essas são materializações juvenis de um desejo maior e mais profundo, que é o desejo de serem libertos; o desejo da conquista da dignidade em seu nível mais elementar; o desejo de construir sua própria vida, de afirmar sua autonomia perante o mundo. Ter uma casa, uma família, um trabalho, esses, sim, são seus desejos.

A jovem descreve sua entrada no mundo do crime como algo casual. Ao ‘ficar’ dias inteiros com o namorado ‘naturalmente’ ela começou a traficar também. “Daí eu comecei a traficar por conta minha, eu pegava do cara, do primo, do marido da minha prima, ele que era o patrão, daí eu pegava e soltava os moleque, daí a gente começou”.

**Entrevistador - Como que é soltava?**

**Janaina** - eu dava as droga para ele, e ele trabalhava para mim depois.

**Entrevistador – Você era então uma espécie de gerente?**

**Janaina** – é, eu era gerente da “lojinha”, depois pegava o dinheiro e acertava com o patrão.

**Entrevistador – você chama o ponto de venda de lojinha?**

**Janaina** – Ah... biqueira, agora a gente chama de lojinha.

**Entrevistador – por que essa mudança para lojinha?**

**Janaina** – não sei por quê, porque assim igual eu falei nois geralmente vai e troca as coisas e ficou por causa disso, porque para eles é uma lojinha vende ali o que eles quer e troca, eles tem gente que vai ali e vende até celular, tem gente que leva até moto e troca por pedra. Teve um cara, ele é rico, rico, rico, ele foi vendeu o carro dele por 40 pedra, para eles foi doação, mas para ele não é nada um papel por 400,00 não é nada para uma pessoa que tá ali vendendo e tem que crédito com o patrão e 400,00 não é nada para eles.

Importante aqui salientar o que Malvasi reporta quanto ao termo ‘lojinhas’ – termo que se associa ao mercado formal como um ‘negócio legal’, tendo características em comum, como trocas, vendas, crédito, patrão e valores de acordo com a mercadoria. Este autor usa o termo “firma”. Malvasi: “a adesão a esse, então, empregador cresce, a despeito do aumento substancial da punição dos adolescentes ingressantes na firma” (2013, p. 675). Fato também apontado pela autora Marisa Fefferman, em *Vidas Arriscadas*, quando afirma que, para estes jovens, eles não entram no mundo do crime e sim no mundo do trabalho (2003, p. 78).

À época com 17 anos, a segunda adolescente entrevistada tem em comum com Janaína o fato de se envolver no tráfico de drogas devido às influências de seu meio, em especial com amigos e namorados. Moradora da periferia de Campinas, cidade em que nasceu, Suelen diz gostar de internet, celular, e de estar nas redes sociais. Mora com a mãe (o pai morreu quando ela tinha 2 anos) e é a filha do meio: tem dois irmãos, um com 21 anos, e o mais novo com 10. Por ser a única filha, a mãe sempre tentou protegê-la, em alguns momentos, inclusive, proibindo-a de sair.

**Entrevistador** - E você começou com a ideia de ganhar dinheiro?

**Suelen** - não eu ficava lá mesmo por ficar.

**Entrevistador** - Zoeira?

**Suelen** - É, zoava.

**Entrevistador** - Daí começou, mas você teve a ideia ou te convidaram?

(...)

**Suelen** - não, foi assim: eu era muito amiga desse menino, a gente estudava junto e às vezes eu comprava marmitta pra ele, às vezes eu mesma fazia e levava pra ele, fica lá junto com ele.

A noção de “Zoeira” é comum a jovens brasileiros de diferentes classes sociais e localidades. Almeida e Tracy (2003) apresentam uma definição interessante dessa noção:

O ato de zoar, em sua apreensão semiológica, expressa a capacidade de fazer grande ruído, emitir som forte e confuso ou equivalente a zumbir, produzir ruído semelhante ao dos insetos. Permanece nesta definição a propriedade ruidosa inscrita nas novas economias internas dos fluxos subjetivos. Ruidosa em sua dimensão incessante de deslocamento e circulação. Barulhenta em sua busca despercebida e contingente da fruição ocasional, da criação e da invenção. “Zoação” confere significações a interjeições, mimetismos, performatividades da ação, uma semiótica gestual. (2003, p. 125).

Em seu livro – *Vidas arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico* – a autora Marisa Feffermann nos leva a refletir sobre a realidade dos jovens inscritos no tráfico de drogas. A começar pelo título, que os designa como “trabalhadores”, assim tratado por eles o *trampo embaçado*, o duro e arriscado expediente de doze horas diárias na parte mais baixa da hierarquia do tráfico. Na entrevista, Suelen descreve o cotidiano do trabalho no tráfico, por ela observado.

**Entrevistador** – Por que ele ficava o dia inteiro trabalhando?

**Suelen** - A noite inteira.

**Entrevistador** - A noite inteira? Ah ta!

**Suelen**- A tarde, né?! Ele ficava da uma hora da tarde até 5, 6, 7 horas da noite, até que um dia, ficava ele e mais um esse menino, até que um dia esse menino não veio pra ficar. Lá junto com ele, ai ele: \_ah! Eu não gosto de trampá sozinho, não sei o quê, pô ele não veio. Ai eu falei: ah é foda né! Ai eu peguei tava sentada lá, assim e falei ah já que eu fico aqui mesmo, to aqui sempre, o que cê acha? Daí ele falou: ah, mas não é moiado? Eu falei não, a gente tá sempre aqui, a gente nunca tomou enquadro, nem nada, mas ai isso daí já fazia alguns anos, faz deve ter uns três anos, mas ah uns quatro, tinha cinco ai isso ai foi um ano depois.

**Entrevistador** - E você recebia uma quantidade, tinha que vender e que levar de volta?

**Suelen** - é.

No âmbito geral, é um estudo sobre *os jovens de classes subalternas* e os riscos de vida que estão correndo nas sociedades atuais, sobretudo naquelas em que o Estado se mostra omissivo e violento. O Brasil, dizem as estatísticas sociais, é o quinto lugar em homicídio de jovens de 15 a 24 anos. Eles estão sujeitos a uma dupla vulnerabilidade: os apelos violentos da sociedade de consumo e a sua situação de pobreza. Os dois vetores podem dar uma resultante: a sedução do mercado ilegal das drogas. Ao discutir o tráfico de drogas, Marisa Fefferman (2006) observou muitas convergências não casuais entre o narcotráfico e o movimento do capital – a orientação da análise tornou-se basicamente marxista – conduzindo a autora a um resultado surpreendente: o desenho de uma fisionomia do narcotráfico e de suas organizações criminosas. Fefferman afirma que usou a noção de *fisionomia* no sentido a ela atribuído por Theodor W. Adorno, referindo-se, portanto, à descoberta e descrição de traços estruturais ou imanentes de um fenômeno emergente. Uma organização criminosa como a do narcotráfico se estabelece por meio da confiança e cooperação de seus membros, mesmo que elas sejam pautadas pelo uso da violência, distribuição e troca de favores, linha de comando, hierarquia, necessidade de lealdade e a lei do silêncio (Fefferman, 2006).

Essas organizações criminosas não estão fora dos circuitos de circulação do capital. Segundo Marisa Fefferman, elas seguem uma racionalidade capitalista neoliberal, entrando na engrenagem da circulação pela porta da lavagem de dinheiro. Interessante aqui observar que depois da consolidação do neoliberalismo no mundo pelos governos e, sobretudo pelas grandes corporações, nas últimas décadas, podemos perceber que fatores importantes principalmente em nações emergentes como o Brasil, promoveu uma forte precarização do social – o Estado eximiu-se de responsabilidades

históricas, promovendo o crescimento da pobreza, do desemprego e da desigualdade social. E o tráfico de drogas passa a ser então um negócio transnacional permitindo aos países pobres a produção e o envio de drogas aos países ricos gerando assim uma fabulosa rentabilidade e conseqüentemente a perpetuação do materialismo.

Isso remete à questão de que o padrão veiculado pela mídia não impõe só um modelo estético e sinalizador de um “status” social almejado, mas também um modelo de cidadania – quem não o ostenta é imediatamente jogado para o campo dos desqualificados para o convívio social, sob a suspeita de marginalidade ou de delinquência, ou simplesmente pela demonstração da incapacidade de consumo. Comprar um determinado tipo de roupa passa a ser, assim, quase a condição de circulação no espaço público (Abramo, 1994, p. 73).

Diversos autores que tratam do tema *tráfico e drogas* destacam a consonância dos estilos de vida baseados no consumo e no status dele obtido (Malvasi, Zaluar, Fefferman). Tais estilos de vida, nos limites do consumo cultural e da transgressão, não são privilégio de adolescentes em conflito com a lei. Como bem relatam Cruz, Moreira e Mazzei (2001), na obra *Nem Soldados Nem inocentes*:

Sob esse aspecto, poderíamos indagar: em que medida a participação no tráfico de drogas apresentaria características semelhantes e díspares à atitude do jovem de classe média que, juntamente com seus amigos de colégio, resolve formar uma banda de rock, bradar palavras de ordem acerca da liberação da maconha, consumir drogas servidas em bandejas em festas privativas, ficar famosos, ser desejado pelas mulheres e tratado como ‘maluco beleza’ pela sociedade? (2001, p. 124).

Na entrevista com Suelen, essa perspectiva surgiu novamente.

**Entrevistador** - (referente à desconfiança da mãe) Que você ficava muito tempo fora e tinha dinheiro?

**Suelen** - É, eu ficava muito tempo fora e que eu não era de sair e tinha dinheiro, tinha roupa nova, sapato, besteira né?! Aí ela começou a desconfiar, aí eu comecei a tramar um dia sim um dia não, daí um dia eu ficava em casa e o outro dia eu trampava, aí normalizou, aí ela parou de desconfiar, porque o horário que eu trampava era o horário que eu tava na escola que já tava estudando à noite.

**Entrevistador** - Você ganhou dinheiro?

**Suelen** - Muito dinheiro.

**Entrevistador** – É?!

**Suelen** - Acho que, não sei, mas acho que nunca vou ganhar tanto dinheiro quanto eu ganhava lá, eu acho.

**Entrevistador** - Quanto você chegou a ganhar?

**Suelen** - Teve um final de semana, que, mas eu fiquei a noite inteira, eu fiquei das 6 da tarde, era numa sexta, eu falei que ia numa festa pra minha mãe, numa chácara, fiquei das 6 da tarde às 5 da manhã, eu fiz três mil reais.

**Entrevistador** - Num dia? Não, numa noite?

**Suelen** - Não, numa sexta feira.

**Entrevistador** - Mas de lucro pra você ou no total?

**Suelen** - Lucro pra mim.

**Entrevistador** - Nossa!!!

Num país, cuja média salarial da população é de R\$1.800,00 (dados do último Censo do IBGE de 2010), ganhar R\$3.000,00 num único dia é uma possibilidade tentadora, principalmente para jovens cujos pais frequentemente ganham baixos salários. Além disso, eles testemunham a facilidade e o encantamento que o dinheiro pode trazer: roupas e tênis de marca, motos e carros da moda, apetrechos eletrônicos de última geração, aos quais são atribuídos valores que, para os jovens, os levará a serem aceitos na comunidade. As pessoas precisam "ter", e a isto o filósofo Karl Marx chamou de fetichismo da mercadoria:

Uma mercadoria, portanto, é algo misterioso simplesmente porque nela o caráter social do trabalho dos homens aparece a eles como uma característica objetiva estampada no produto deste trabalho; porque a relação dos produtores com a soma total de seu próprio trabalho é apresentada a eles como uma relação social que existe não entre eles, mas entre os produtos de seu trabalho(...). A existência das coisas enquanto mercadorias, e a relação de valor entre os produtos de trabalho que os marca como mercadorias, não têm absolutamente conexão alguma com suas propriedades físicas e com as relações materiais que daí se originam... É uma relação social definida entre os homens que assume, a seus olhos, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. A fim de encontrar uma analogia, devemos recorrer às regiões enevoadas do mundo religioso. Neste mundo, as produções do cérebro humano aparecem como seres independentes dotados de vida, e entrando em relações tanto entre si quanto com a espécie humana. O mesmo acontece no mundo das mercadorias com os produtos das mãos dos homens. A isto dou o nome de fetichismo que adere aos produtos do trabalho, tão logo eles são produzidos como mercadorias, e que é, portanto inseparável da produção de mercadorias." (Marx, 1996, O Capital, vol. 1, p. 217).

Segundo Marx, o fetichismo é uma relação social entre pessoas mediatizada por coisas. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. As pessoas agem como coisas e as coisas, como pessoas. Fenômeno social e psicológico onde as mercadorias aparentam ter uma vontade independente de seus produtores aspectos diferentes do fetichismo podem ser observados neste artigo como por exemplo, com relação ao próprio consumo, com relação ao consumo de drogas (dos clientes), com relação ao consumo de drogas (dos traficantes), com relação ao próprio

cliente como uma mercadoria sem valor, com relação aos aspectos subjetivos colocados entre traficantes (as adolescentes) e a droga/mercadoria traficada.

No caso da produção de mercadorias ocorre que a troca de mercadorias é a única maneira na qual os diferentes produtores isolados de mercadorias se relacionam entre si. Dessa maneira, o valor das mercadorias é determinado de maneira independente dos produtores individuais, e cada produtor deve produzir sua mercadoria em termos de satisfação de necessidades alheias. Disso resulta que a mercadoria mesma (ou o mercado) parece determinar a vontade do produtor e não o contrário.

A viscosidade dos estranhos e a política da exclusão originam-se da lógica da polarização – de um lado, os normais consumidores, bem-sucedidos e, de outro, um lado oprimido a que foram negados os recursos de construção da identidade (cidadania). Não é meramente renda e riqueza, ou expectativa de vida, mas também o direito à individualidade que está sendo dilapidada pelas “mãos invisíveis do mercado” (Birman, 2000, p. 45).

**Suelen** - Eu fiz até confusão, porque era muito dinheiro, muita droga, muita... demorei ó, eu demorei uns quatro dias pra separar o dinheiro da resposta e do meu lucro, porque era muito dinheiro, mas eu não gastei tudo, não quase..

**Entrevistador** - Que imediatamente

**Suelen** - É

**Entrevistador** - Que você fez? Você comprou roupa, balada?

**Suelen**- É, eu comprei roupa, fui pra balada com as minhas amigas, rave.

(...)

**Suelen** -É, eu já vi muito, tinha, teve pessoas até que eu gostava, que eu tinha como amigos, que estudava, morava perto de mim e morreu por causa disso, então eu falei, às vezes em balada com as minhas amigas, com meus... ah vamos cheirar?! vamos cheirar?! Não, porque sabia que eu traficava, então eu tinha acesso, acesso livre, né?! A hora que eu quisesse, eu podia ir lá e pegar pra pagar depois, porque eu traficava e nunca perdi droga, nunca perdi dinheiro e eu era, digamos a funcionária do mês, praticamente. Sempre.

**Entrevistador** - Tinha isso, tinha uma funcionária do mês, tinha essa...?

**Suelen** - É, eles davam um bônus a mais né?!

**Entrevistador** - Ah é? Pra quem vendia mais?

**Suelen** - É, eles davam um dinheirinho a mais pra quem vendia mais por mês, por mês não, por cota, a cota era de 15 em 15 dias.



Pelos registros, conclui-se que os jovens dessas regiões periféricas buscam no tráfico uma oportunidade não só de ganharem dinheiro, mas de se afirmarem como empreendedores sociais. Desejam pertencer à sociedade, ter os mesmos direitos de todo cidadão – serem aceitos, reconhecidos. Para eles, estar no tráfico não é cometer um crime; é ser útil, é ter um emprego comum.

Pode-se então fazer a interligação dos estudos de Malvasi (2012) aos de Lyra (2013), uma vez que o primeiro autor nos remete à possibilidade do empreendedorismo implícito no tráfico de drogas – já que a sociedade como um todo não cumpre seu papel na inserção desses jovens, para, em seguida, permitir os desejos mais profundos de autonomia que a facilidade aparente da atividade ilícita lhes proporciona: consumir tudo o que dinheiro fácil pode lhes dar. Segundo o autor Lyra: “é por esses desejos que outros, como o tênis, a arma e a fama, se fazem possíveis ou necessários no único contexto que eles dispõem para atingir suas tantas ambições, tão comum a todos nós...” (2013, p. 281).

**Entrevistador** - E isso depois de quanto tempo que você já tava trabalhando bastante? Alguns anos?

**Suelen** - Ano passado.

**Entrevistador** - ano passado?

**Suelen** - Ano passado. Hum... deixa~~r~~ eu ver... mês de agosto pra cá, aí eles começaram a encher o saco eu tomava enquadrão várias vezes, eu apanhava, às vezes levava dinheiro.

**Entrevistador** - O que te motivou mais, foi o dinheiro, foi a emoção, a adrenalina, a aventura?

**Suelen** - Dinheiro. Foi um pouco de tudo, porque é legal. ah! não vou mentir, é legal, é legal, você ganha, você, tipo que adquire um pouco de respeito, assim pelo menos da minha parte, tem gente que fala mal, -Aí credo essa menina trafica, mas tem gente que já... Nossa, ó!

(...)

**Suelen** - É, aí tipo você tá num lugar, assim numa balada, aí todo mundo te cumprimenta, os irmão, todo mundo te respeita, você... antes a pessoa que nunca ia nem olhar pra você, já, começa se aproximar, pessoa, da concorrência né?! Irmão, outras pessoas, entendeu?! Ah! Nossa, a gente quer saber você trabalha bem, não sei o que, você não quer mudar pra nós, a gente paga mais, não sei o que, mas eu não queria porque eu tava bem onde eu tava, quando eu traficava eu tava bem onde eu tava, então eu não queria sair, e em qualquer lugar que eu chegava todo mundo me respeitava, quando eu ia pra balada eu não gastava meu dinheiro com bebida, nem com nenhuma outra coisa, nem que tipo, em rave privativa, eu não vou mentir, eu usava droga, tomava doce, bala, lança perfume e eu não gastava meu dinheiro com isso, porque a pessoa chegava ...

**Entrevistador** - Você ganhava claro!

**Suelen** - Nossa, olha aí, você que é a Suelen né!? Ó da hora, nossa eu tenho uma bala aqui, você quer? você curte? E ganhava convite de rave e era maravilhoso então eu adorava aí até, tava tudo ótimo, não tinha namorado, ficava com quem eu queria a hora que eu queria eu era livre, leve e solta.

**Entrevistador** - Tinha dinheiro.

**Suelen** - Tinha dinheiro, fazia o que eu queria.

**Entrevistador** - Tinha status.

**Suelen** - É, me respeitavam bastante, eu era considerada, eu sou considerada ainda, não é?! lá onde eu moro, eu tenho, ah! Respeito né?! As pessoas me respeita, onde me vê, me cumprimenta.

**Entrevistador** - E o seu estilo de roupa, de visual? Por que os meninos têm né?! A corrente, o boné, essa história. E você como menina tinha um estilo?

**Suelen** - Ah! Eu tinha só roupinha de marca, planet, Mac, rip Curl, Bila Bong, rocks, sandália cara da rocks que eu comprava, que nem tênis, adidas, Nike, só coisa cara, tudo do bom e do melhor, perfume do Boticário, laqua di Fiori, maquiagem da natura, bolsa da carmim, sandália da carmim, sandália da... ai um monte de marca, várias coisas da luilui, tinha tudo que eu queria eu via, não parava pra pensar: eu vou comprar! Eu via e comprava, porque eu tinha dinheiro, então.

**Entrevistador** - E vinha fácil e você também.

**Suelen** - É vinha fácil e ia fácil.

**Entrevistador** - Você também não tinha conta corrente, nada, né? Poupança?

**Suelen** - não (risos).

**Entrevistador** - você nem pensou em fazer uma poupança? Pra comprar uma casa?

**Suelen** - Isso até faria, mas não, não pensei.

Segundo Suelen: “vinha fácil e ia fácil”, todo o dinheiro que entrava fácil saía da mesma maneira – destaca essa parte da entrevista que remete à perspectiva do consumo como um fator de atração ao crime. Viver apenas o momento. Em muitos casos, ao ingressar nas práticas ilícitas, o adolescente considera incluir-se socialmente. Ele adquire dinheiro, sensações de “poder” e “prestígio”. Obtém bens de consumo que deseja muitas vezes inacessível em sua classe socioeconômica (Malvasi, 2012).

## **AUSÊNCIA NAS FALAS DAS ADOLESCENTES: AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE**

Ao abordar o tema *trajetórias juvenis e tráfico de drogas* focando o “consumo” como fator de atração ao crime que se destaca sobre os outros, depara-se com uma

discussão complexa que perpassa fatalmente por variados grupos e instituições formadores de subjetividade. Individuar, porém, essas múltiplas variáveis demandaria uma ampla e sólida discussão destes tantos agentes envolvidos (comunidades, educadores, escola, Estado, família, polícia, fundações, organizações não governamentais, unidades de atendimento), desafio que não cabe aos limites restritos deste artigo. Poder-se-ia tratar também do papel da sociedade civil organizada, do Sistema da Garantia de Direitos (SGD), leis federais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a lei que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase).

No estudo e análise das entrevistas das adolescentes recordou-me a minha experiência profissional como pedagogo na Fundação Casa e como oficinairo em bairros periféricos da cidade de São Paulo onde pude vivenciar e observar na prática a ausência de programas voltados para o bem-estar social, em especial, para a juventude, pois na unidade Raposo Tavares (onde atuei como educador) constatei in loco uma ausência de políticas que realmente recuperassem os internos, pois o descontentamento entre estes é evidente. Assim como na realização de oficinas de arte-educação em bairros como Paraisópolis (bairro de São Paulo/SP.) onde como voluntário recebi de alguns adolescentes, que cumpriam medidas socioeducativas em regime aberto, agradecimentos, pois se sentiam respeitados e ouvidos fato que não ocorria em regime fechado (restrição de liberdade). Assim ao longo das entrevistas das meninas constata-se um devotamento de ambas fato que dificilmente ocorreria no internato.

Em uma digressão sobre a infância idealizada pelas classes altas brasileiras, Fonseca e Cardarello (2009) lembram que até pouco antes da promulgação do ECA, a diferença entre as “infâncias”, a rica e a pobre, não era problematizada, pois as etapas da vida não seriam relevantes aos pobres. As autoras exemplificam lembrando que era comum na sociedade brasileira a existência de empregadas domésticas de treze e quatorze anos em casas com adolescentes da mesma idade, vivendo a fase “despreocupada da infância” (Fonseca e Cardarello, 2009, p. 248). Apenas recentemente as crianças pobres passaram a integrar-se à categoria universal do “humano”, sobretudo após a promulgação do ECA.

Mas essa inclusão de um novo grupo no horizonte humanitário não deixa de engendrar paradoxos: por exemplo, quando a criança (ou adolescente) faz dezoito anos e muda subitamente de status (de criança “em perigo”, merecendo atenções especiais, para ser considerada um adulto “perigoso” contra o qual é

preciso se proteger). Ou quando é preciso achar um culpado pela situação intolerável em que tantas crianças se encontram atualmente. Aí, o sacrifício que se oferece para expiar a nossa má consciência aparece na figura dos pais desnaturados. A noção de “criança rei”, irrealizável em tantos contextos, engendra seu oposto – a noção de criança martirizada – e, com esta, um novo bode expiatório: os pais algozes (Fonseca e Cardarelo, 2009, p. 248 – grifos das autoras).

De forma geral, a noção de políticas públicas deve englobar não só os processos decisórios e os consequentes cursos dessa ação, como também a ausência de decisões e intervenções governamentais. Além disso, não se deve pressupor que as políticas públicas sejam dotadas de racionalidade e caracterizadas pela sequência de diagnósticos, planejamento, execução e avaliação. Esse padrão racional e sistemático serve apenas como um tipo-ideal do que como uma descrição das intervenções governamentais concretas nas diversas sociedades contemporâneas. Um fato importante referente às políticas públicas é que elas não são implementadas somente pelo Estado, mas também por organizações voluntárias, sem fins lucrativos e organizações não governamentais.

Um aspecto importante a ser abordado refere-se à pobreza ou à falta de acesso aos objetos de desejo determinados pela sociedade de consumo, que tem o domínio sobre o mundo contemporâneo. Tais situações se transfiguram em prisão, pois nem todas as pessoas têm acesso ao consumo. Com isso, o menor, desprovido de recursos, envolve-se em furtos e roubos, objetivando-se a adquirir aquilo que desejam de maneira ilícita.

Nota-se que no Brasil a violência no universo simbólico da juventude pobre não pode ser definida em termos de exclusão e retração. Esse segmento social foi alvo da crescente disseminação, pelos meios de comunicação de massa, dos valores referentes ao individualismo, consumismo e modelos culturais próprios da classe média emergente. É nesse processo social simultâneo e contraditório de redução das distâncias simbólicas entre o mundo dos pobres e o dos ricos, bem como de persistência das estruturas de desigualdade social que se pode compreender com maior clareza a crescente inserção da violência no universo da juventude pobre nas metrópoles brasileiras.

Matos (2006) comenta que as crianças e adolescente em “conflito com a lei” são amparados pela legislação brasileira por meio das políticas socioeducativas, que se objetivam a reintegrá-los à sociedade. Em contrapartida, as ações jurídicas e institucionais demonstram uma prática por vezes arbitrária e desumana nas instituições que ainda conseguem manter certa ordem de convívio pacífico. A tensão é alimentada pelos ânimos dos próprios adolescentes, dos quais boa parte já se encontra formada por elevados padrões de violência. E nesta condição afeta, sobretudo suas individualidades segundo as autoras Fonseca e Cardarello:

Afinal, as individualidades que existem na sociedade contemporânea não são tão facilmente domesticadas; nem tão pouco cabem necessariamente nos rótulos das ciências jurídicas. E, no entanto, qualquer política pública voltada para a garantia de direitos humanos há de levar em consideração a diversidade social (...). As alteridades que precisam ser enfrentadas são aquelas que menos queremos ver – a dos jovens infratores, por exemplo, ou dos pais dos “abandonados”. São “individualidades” que apontam dimensões de nossa realidade que preferíamos esquecer (Fonseca e Cardarello, 2009, p. 251 – grifos das autoras).

Ao estudar os autores citados ao longo deste texto, mais as discussões e as pesquisas realizadas nas disciplinas do curso *Stricto Sensu* “Adolescente em conflito com a lei” – e em especial a análise das entrevistas com as duas jovens –, observou-se que na aplicação das leis pertinentes aos adolescentes em conflito com a lei, tais como Estatuto da Criança e do Adolescente, Sinase e artigos específicos da Constituição Federal do Brasil de 1988, há uma grande lacuna entre o discurso e a prática ao pensarmos, estrategicamente, em políticas públicas globais e específicas para a juventude em geral, que incluam os dois mecanismos principais de inclusão social: a escola e o trabalho.

Diante das necessidades desses adolescentes, como afeto, orientação e oportunidades, urgem ações concretas nessa direção. Se existem leis que não são aplicadas, todo o sistema envolvido se torna um mero discurso ideológico inócuo.

Para Melucci (1997), o tema adolescência-juventude é tomado sob as tendências emergentes no âmbito da cultura e da ação juvenil a partir das dimensões “conflito e movimento social” em sociedades complexas. E, nesse sentido, as mudanças ocorridas no plano material para o plano simbólico mostram que a noção “tempo” é um problema ou dilema central para os jovens e, em particular, para os adolescentes (p. 4).

Adolescência é a idade na vida em que começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade. A adolescência na

qual a infância é deixada para trás e os primeiros passos são dados em direção à fase adulta, inaugura a juventude e constitui sua fase inicial. Esta ideia elementar é suficiente para ilustrar o entrelaçamento de planos temporais e a importância da dimensão do tempo nessa fase da vida (Melucci, 1997, p. 5).

Antes de pensar em somente ‘punir’ os infratores, a sociedade representada por suas instituições e grupos (da família até às esferas maiores como o Estado) necessita repensar sobre as verdadeiras causas da criminalidade da adolescência – sobretudo em jovens moradores da periferia dos grandes centros urbanos. Os agentes atuantes nestas organizações como os legisladores dos âmbitos federal, estadual e municipal precisam o quanto antes reagir ao apelo fácil da acusação e repressão, e buscar descobrir e desvendar a relação entre a queda da qualidade de vida dessa população específica e a crescente violência a que está sujeita.

Para o autor Carrano (2002), a partir da ênfase nas práticas culturais, esportivas e educativas, aponta que a questão da “identidade juvenil” não se apresenta enquanto relacionada à determinada idade biológica e, sim “como um processo de contínua transformação individual e coletiva, no jogo de experiências múltiplas” (p. 2) e, por isso, “os jovens não constituem uma classe social, ou grupo homogêneo como muitas análises permitem intuir” (p. 2) e se compõem enquanto “agregados sociais com características continuamente flutuantes” (p. 3). Defende a tese do reconhecimento da existência de “muitas juventudes” para que possamos melhor caracterizar “os diferentes âmbitos das experiências, suas amplitudes, limitações e desafios socioculturais que se apresentam para a definição das políticas sociais” (*apud* PEREIRA, 2004, p. 25-26). Se em um Estado Democrático de Direito, a garantia das políticas públicas é de responsabilidade do Estado e direito do cidadão, isso significa que a universalização e a qualidade das políticas públicas dependem muito da capacidade de mobilização da sociedade para as demandas de crianças e adolescentes, de pressão sobre a administração pública pela garantia dos programas sociais e do exercício do controle social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A grande mídia reforça a associação entre consumo e sucesso – e sucesso, ao aplauso público; pessoas aprendem que consumir determinados objetos, produtos e marcas significa ostentar estilos de vida dos quais a felicidade depende; portanto – se a ocasião pedir – compra-se até a dignidade humana.

Por isso os adolescentes e jovens que têm em suas trajetórias o envolvimento com o tráfico de drogas, em sua grande maioria, o fazem por terem como grande atrativo a possibilidade de consumir todas essas benesses do mundo moderno e globalizado. Já que o sistema econômico lícito representando por seus diversos agentes como governo, empresariado, mídias, consumidores, trabalhadores, escolas, entre outros lhes negam oportunidades pelas vias normais, que seriam empregos, renda e educação dignos, acabam optando pelo modo mais acessível: o crime que os ronda todos os dias em suas comunidades.

Conforme analisado neste artigo, a adesão para o crime é multifacetada, o desejo de consumo surge como um atrativo, mas é apenas superficial. As etnografias sobre o tema aqui discutidas indicam diversos elementos que compõem a adesão de adolescentes ao tráfico de drogas: a participação em redes transnacionais ao crime (Zaluar, 1994; Fefferman, 2006); a inserção no mundo como um trabalhador (Fefferman, 2006), como um empreendedor de si mesmo (Malvasi, 2012), e a busca por autonomia (Lyra) compõem o rol de argumentos que a bibliografia apresentou.

Nação em desenvolvimento, ainda por se firmar nos aspectos econômico e político, o Brasil não pode se dar ao luxo de ignorar os fatores sociais e humanos: o impacto dos ideais identitários calcados no consumo e no materialismo é avassalador particularmente em crianças e adolescentes oriundos de comunidades de baixa renda. Comumente, esses jovens vivenciam a cristalização de um imaginário que fixa estereótipos e mantém a exclusão (marginal usuário de drogas, delinquente apenado, criminoso, entre outros). Tais aspectos são agravados pela falta de investimento em políticas públicas compensatórias e integradas, e pelo desrespeito aos direitos humanos dos cidadãos que ainda sucumbem às ‘mãos invisíveis do mercado’ neoliberal.

Ao observarmos as falas das duas jovens, analisamos a relação que os autores descrevem como a questão da cultura de massas (Velho e Alvito, 2006, p. 16-17) geradora de consumidores, que são estimulados pela racionalidade capitalista que – nos casos estudados – se refere ao tráfico de drogas (Fefferman), em busca do lucro incessante, gerando um fetiche pelas mercadorias (Marx), criadas com isso gerações propensas a satisfazer desejos (Lyra).

Vejamos o que diz o ECA – Estatuto da Criança e Adolescente (1990) - sobre as responsabilidades perante os sujeitos que estudamos:

**Art. 4º** É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

**Parágrafo único.** A garantia de prioridade compreende:

- a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
- b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
- c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
- d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.

Portanto diante dos autores, fatos e legislação apresentados e analisados, cresce em importância o papel de todos os agentes envolvidos no meio em que estes vivem – famílias, comunidades, escolas, instituições, poder público, organizações não governamentais, mídias, educadores e sociedade em geral – todos, sem exceção, precisam rever os seus valores referentes aos adolescentes em conflito com a lei e por em prática o que está respaldado em lei e na moral.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. TRACY, Maria de Almeida. **Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ALVITO, Marcos. VELHO, Gilberto. **Cidadania e Violência. Organizado por Gilberto Velho e Marcos Alvito**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1996.

BAUMAN, ZYGMUNT. **O Mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998. \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na Atualidade - a Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

\_\_\_\_\_. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1.990.

\_\_\_\_\_. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. Brasília: CONANDA, 2006.

\_\_\_\_\_. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE): Lei nº 12.594 de 18 de janeiro de 2012.



- CARRANO, Paulo C.R. **Os jovens e a cidade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- CRUZ Neto, Otávio. MOREIRA, Marcelo Rasga. MAZZEI, Sucena Luiz Fernando. **Nem soldados Nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro**: Editora Fiocruz, 2001.
- DUBAR, Claude. **Os “ensinamentos” dos enfoques sociológicos da delinquência juvenil**. In: SENTO-SÉ, J.T. e PAIVA, V. **Juventude em conflito com a lei**. RJ: Garamond, 2007. P. 157-180.
- FEFFERMANN, Marisa. **Vidas arriscadas: o cotidiano de jovens trabalhadores do tráfico**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FONTANA, A. & FREY, J.H. (1994). **Interviewing the Art of Science**. Em N.Denzin & Y.S. Lincoln (orgs.), **Handbook of qualitative research** (pp. 361-376). London: Sage Publication Inc.
- FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: \_\_\_\_\_. **Ditos & escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. (2008) **Nascimento da biopolítica**. Tradução Eduardo Brandão. Revisão da tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Tópicos).
- \_\_\_\_\_. (1977) **Vigiar e punir**. Petrópolis, Ed. Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1979a) **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Ed. Graal.
- \_\_\_\_\_. (1979b) **A vontade de saber**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Graal.
- FONSECA, Claudia; CARDARELLO, Andréa D. L. **Direitos dos mais e menos humanos**. In FONSECA, C.; SCHUCH, P. (orgs). **Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2009.
- LYRA, Diogo. **A república dos meninos: juventude, tráfico, virtude**. 1ª Ed., São Paulo, Ed. Mauad, 2013.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Perspectivas tribais ou a mudança de paradigma social**. Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia, n. 23, Porto Alegre, 2004.
- MALVASI, Paulo. Artigo científico: **“A mente e o homicídio: A gestão da violência no tráfico de drogas em São Paulo”**. Dilemas. São Paulo, Volume 6, nº 4, Outubro/Novembro/Dezembro, p. 675-698, 2013
- \_\_\_\_\_. **Entre a frieza, o cálculo e a “Vida Loka”**: violência e sofrimento no trajeto de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. **Saúde Soc.** São Paulo, v.20, n.1, p. 156-170, 2012a.
- \_\_\_\_\_. **Interfaces da Vida Loka**. Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2012b.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

MATOS, R. N. **Crime e castigo: reflexões sensíveis sobre adolescentes privados de liberdade em Uberlândia**. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação, nº 5-6. São Paulo: Anped, 1997.

TELLES, V.S.; Cabanes, R. (Org.) **Nas tramas da cidade. Trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Humanitas, 2006.

VELHO, Gilberto e Marcos ALVITO (orgs.). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro, FGV/UFRJ, 2006 [2000].

VIEIRA, Evaldo Amaro. Estado e política social na década de 90. In NOGUEIRA, Francis M. G. (Org.). **Estado e Políticas Sociais no Brasil**, Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2001).

ZALUAR, Alba (org.) **Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.\_\_\_\_\_. A máquina e a revolta. 2. Ed. Rio de Janeiro: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.